

DOENÇA CELÍACA SUBDIAGNOSTICADA EM PORTUGAL

Associação de doentes luta pela comparticipação dos exames de diagnóstico

Estima-se que 1% a 3% por cento da população portuguesa seja celíaca, ou seja, intolerante ao glúten. No entanto, por falta de sintomas associados, por um lado, e pelo custo elevado de alguns exames de diagnóstico essenciais, por outro, podem passar-se anos até que um doente saiba que sofre de doença celíaca.

CLÁUDIA PINTO

claudia.pinto@jornalcentrodesaude.pt

A doença celíaca (DC) é uma doença auto-imune que ocorre em indivíduos com predisposição genética causada pela permanente sensibilidade ao glúten, proteína presente em quatro cereais: trigo, centeio, cevada e aveia. "A ingestão de glúten, mesmo em pequenas quantidades, leva o organismo a desenvolver uma reacção imunológica contra o próprio intestino delgado, provocando lesões na sua mucosa que se traduzem pela diminuição da capacidade de absorção dos nutrientes", salienta a Dr.ª Rita Jorge, nutricionista da

Associação Portuguesa de Celíacos (APC).

Em Portugal, o único estudo efectuado na região de Braga obteve uma prevalência de 1:134, pelo que se estima que 1% a 3% da população portuguesa seja celíaca. "No entanto, existem apenas cerca de 8000 celíacos diagnosticados, o que indica que a DC é uma doença largamente subdiagnosticada", adianta a dietista da APC.

Estima-se que existam entre 70 000 a 100 000 celíacos por diagnosticar em Portugal.

ADC possui uma componente hereditária, pois "as famílias de celíacos contam com um número de doentes francamente superior ao que seria de esperar na população em geral". Os estudos efectuados permitiram calcular ser cerca de 10 vezes maior o risco de reaparecimento da doença após o primeiro caso num dos pais ou irmãos. Muitos dos doentes vivem anos assintomáticos ou têm sintomas próprios de outras doenças, passando por várias especialidades médicas até chegarem a um diagnóstico correcto.

A IMPORTÂNCIA DOS TESTES LABORATORIAIS

O Diagnóstico Laboratorial da Doença Celíaca reveste-se da maior importância, num contexto de suspeita clínica de DC. "O Laboratório de Patologia Clínica e os testes serológicos específicos de que dispõe, nomeadamente a pesquisa de anticorpos anti-transglutaminase tissular (tTG) da classe IgA (ou da classe IgG), são as ferramentas laboratoriais que sustentam o diagnóstico", refere a Dr.ª Maria José Rego de Sousa, patologista clínica do Centro de Medicina Laboratorial Germano de Sousa (CMLGS).

Existem outros testes mais específicos para o adequado diagnóstico designados anticorpos anti-transglutaminase tissular sérica (IgA/IgG). Não são comparticipados pelo Estado, ficando os utentes do Sistema Nacional de Saúde obrigados a pagar privadamente estas análises, excepto quando são acompanhados

num hospital público. "Naturalmente que com a não comparticipação destas análises se coloca um entrave ao diagnóstico, que se quer atempado e célere. Se se juntar a esta realidade, o facto de nas Unidades de Saúde Familiar, estas análises não constarem da listagem de análises às quais os médicos estão limitados, sendo apenas possível utilizar uma análise já largamente em desuso e sem qualquer utilidade clínica, como são os anticorpos anti-reticulina, facilmente se percebe que os utentes do SNS ou pagam privadamente as análises mais específicas, ou engrossam as listas de espera para consultas, ou ficam sem diagnóstico", critica Maria José Rego de Sousa.

Devido a esta realidade, o CMLGS estabeleceu um protocolo com a APC que pretende, "ao oferecer descontos para a execução destas análises (assim como outros descontos noutras análises), facilitar a acessibilidade dos doentes e seus familiares a um diagnóstico clinicamente útil e atempado", adianta a médica patologista clínica.

Para a presidente da APC, Marina Van Zeller, as análises para detecção da DC "deveriam obedecer aos mesmos critérios de uma simples análise de carácter geral".

A APC tem como objectivos próximos "conseguir que as análises específicas para o diagnóstico da DC sejam comparticipadas pelo SNS; obter uma legislação clara, a nível da rotulagem dos produtos de forma geral, que obrigue a especificação se o produto contém ou não glúten, e garantir a manutenção do subsídio complementar por deficiência até aos 24 anos (pois tem sido retirado sem nenhuma justificação por parte da Segurança Social), à semelhança do que acontece nos outros países europeus", destaca a presidente da associação.

PRODUTOS SEM GLÚTEN

Estão à venda em hipermercados, ervanárias ou lojas de produtos naturais, em algumas farmácias e até mesmo em lojas online. "No entanto, embora já existam no mercado mais produtos sem glúten,

estes são muito caros e a sua distribuição pelo país é bastante irregular. Como tal, fora dos centros urbanos não existe a mesma variedade de produtos que existem nas grandes cidades, o que limita a alimentação de muitos celíacos", reforça Rita Jorge.

Actualmente, o único tratamento conhecido consiste numa dieta sem glúten. "Esta dieta deve ser rigorosa, permanente e feita de forma saudável e equilibrada, não devendo os alimentos que contém glúten ser eliminados, mas sim substituídos por outros cujas matérias-primas não contém glúten", explica a dietista.

Em condições normais, se o celíaco cumprir a dieta de forma rigorosa, o tratamento desta patologia não implica a utilização de nenhum medicamento e o celíaco é um indivíduo saudável.

Tem dúvidas



Acceda a www.celiacos.org.pt.

Espaço da Sociedade Portuguesa de Estomatologia e Medicina Dentária

As funções dos dentes para uma boa saúde oral



Dr. Bruno Seabra

Médico dentista

Docente de Imagiologia da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa
Secretário-geral da SPEMD

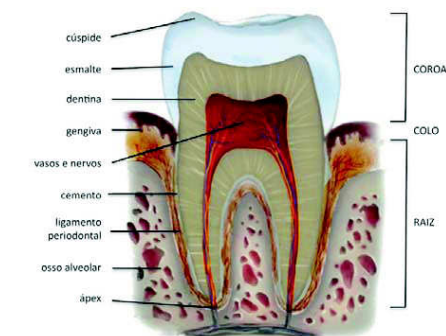
Nesta edição, introduzimos a importância da dentição nos seres humanos, explicando-lhe quando começam a nascer, quais os tipos de dentes e respectivas funcionalidades. Já parou para pensar nisso?

Os dentes são os órgãos mais mineralizados e resistentes do corpo humano. São inclusive mais resistentes que os nossos ossos.

Dividem-se em Coroa – a parte visível e branca do dente –, Raiz – que é responsável pela fixação do dente ao osso –, e Colo – que separa os dois anteriores.

São constituídos por diferentes tecidos, como esmalte, dentina, cimento, e têm no seu interior vasos sanguíneos (que transportam o sangue com nutrientes) e nervos que lhes permitem ter sensibilidade ao calor, frio, dor e pressão.

A sua formação começa cedo, quando o feto ainda está na barriga da mãe, o que demonstra a importância de se ter uma gravidez saudável. O primeiro dente de leite nas-



ce por volta dos 6 meses de vida, ficando a dentição decídua totalmente erupcionada até aos 3 anos (total de 20 dentes: 10 na mandíbula e 10 na maxila).

Por volta dos 6 anos, surge o primeiro dente definitivo, o 1.º Molar, que não substitui nenhum e nasce atrás dos outros já existentes. A partir daí começam

os dentes de leite a cair e surgem os dentes definitivos no lugar destes. O 2.º Molar nascerá aos 12 anos e o 3.º Molar (dente do siso) apenas nascerá aos 18 anos. A dentição permanente é formada então por 32 dentes, 16 na arcada superior e 16 na inferior (por cada arcada: 4 incisivos, 2 caninos, 4 pré-molares e 6 molares).

PARA QUE SERVEM OS DENTES?

A principal função dos dentes é realizar a mastigação dos alimentos. Os dentes são classificados de acordo com a posição e a função. Assim, temos:

- Incisivos: dentes situados na parte da frente da boca e que servem para cortar os alimentos.
- Caninos: possuem um formato pontiagudo e servem para rasgar os alimentos.
- Pré-molares e molares: localizam-se na parte posterior da boca e são responsáveis por triturar os alimentos.

QUE FUNÇÕES TEM A CAVIDADE ORAL?

A cavidade oral tem uma importância extrema, por ser uma estrutura complexa e constituída por diferentes órgãos. É a primeira porção do sistema digestivo e respiratório e por isso

relaciona-se com funções vitais como a mastigação (dentes, língua, bochecha), deglutição (musculatura do palato e língua), digestão (enzimas libertadas pelas glândulas salivares), paladar (papilas gustativas da língua) e respiração (trocas gasosas pela boca e nariz).

Também relevantes são as funções sociais da cavidade oral. Sabemos a importância que tem na estética, cada vez mais evidente nas sociedades modernas, o correcto posicionamento dentário e um sorriso perfeito. A forma como comunicamos através da fonética depende também de diferentes órgãos, como a laringe, a língua, o palato, as bochechas, os lábios e os dentes.

Desta forma, percebemos como a preservação da saúde oral tem implicações directas no bem-estar físico, mental e social e, assim, na nossa saúde.